Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Sobre viagens de bicicleta, semioses e narrativas cicloturísticas

About bicycle trips, semioses and cycle tourism narratives

Demétrio de Azeredo Soster

Palavras-chave: Semioses; Narrativas; Narrativas cicloturísticas; Cicloturismo.

1 Duplo propósito

Este resumo expandido tem um duplo propósito: a) refletir sobre a emergência do que chamamos de "semioses cicloturísticas" e b) compreender, ainda que indicialmente, como estas semioses estruturam "narrativas cicloturísticas", o que requer explicitação conceitual desde agora. Semioses são, no diálogo com Verón (1980, 2004), redes interdiscursivas de produção de sentido. Ou seja, sentidos que emergem a partir de complexas relações sócio-técnico-discursivas. Já cicloturismo, temos dito, tem a ver com o uso que se faz da bicicleta para fins turísticos ou de entretenimento (Autor, 2018, 2019).

"Semioses cicloturísticas" são, portanto, redes interdiscursivas de produção de sentido que se estabelecem quando ciclistas se utilizam de suas bicicletas para viajar, conhecem lugares, encontram pessoas e relatam, antes, durante ou depois das viagens, suas vivências em dispositivos como livros, sites, redes sociais, podcasts, videocasts, documentários etc. Já "narrativas cicloturísticas" são relatos que, por sua natureza,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

estruturam, a partir de viagens de bicicleta, o que chamamos, com Motta (2012, 2013), de "sentido da vida", à medida que, ao representar o vivido, dão sentido e emprestam significação ao mesmo.

A prudência sugere que não se pense nos dois conceitos separadamente; eles existem como tal somente em uma perspectiva relacional. É dizer, por outras palavras, que teremos narrativas cicloturísticas quando as semioses decorrentes da processualidade de midiatização tiverem lugar, o que nos sugere que estamos diante de um problema de circulação.

Fausto Neto (2010), em artigo seminal, delimitou e sintetizou a evolução do conceito de circulação em cinco fases distintas: **1 circulação como ação tecno-discursiva** (os estudos sobre a circulação compreendem o fenômeno como uma espécie de 'zona automática' de passagem de discursos); **2 circulação como terceiro** (a circulação é vista aqui como uma produção discursiva, portanto, relacional e não apenas de caráter transmissional). **3 como zona de indeterminação** (a circulação é compreendida como dispositivo, ou seja, como espaço gerador de potencialidades. **4 circulação como diferença** (aponta a circulação como resultado de diferenças entre gramáticas de produção e reconhecimento), e finalmente, **5 como ponto de articulação** (a circulação ganha o estatuto de dispositivo, ou seja, como ponto de articulação entre gramáticas de produção e reconhecimento).

Pensar a circulação como dispositivo (etapa 5), nossa opção, implica subsumir que ela, ao se estabelecer como "lugar situacional", posiciona-se, também, ponto de articulação – sabemos, desde há muito, que todo lugar é um ponto de articulação, à medida que nada existe isoladamente. Sobretudo, e aqui com Fausto Neto (2010) novamente, que essa condição é levada em conta para a realização do trabalho de negociação e de apropriação de sentidos.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

As marcas deixadas nas superfícies dos objetos analisados são as pistas que nos permitem compreender como estas articulações se estabelecem, à revelia da instância analisada. De acordo com Verón (2004, p. 53), elas, as marcas, "(...) podem ser interpretadas como traços das operações de produção e como traços que definem o sistema de referências das leituras possíveis do discurso no reconhecimento".

2 Semioses cicloturísticas

O conceito de "semioses cicloturísticas" veio a público, pela primeira vez, no seminário "Olhares sobre a narrativa jornalística[1]", na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em agosto de 2019, e foi tensionado em pelo menos dois outros momentos: 1) em um capítulo do livro Narrativas de Viagem/Travel Narratives (PASSOS; XXXXXXX, 2019), e 2) em artigo aceito para publicação na revista publicação na Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC), em fase de editoração.

As "Semioses Cicloturísticas" se dividem em quatro eixos. A expressão eixo nos parece adequada porque abriga, em sua horizontalidade articuladora, as larguras necessárias a compreensão de fenômenos complexos e pouco afeitos a compartimentalizações, ao passo que sugere, etmologicamente, tanto a possibilidade de sustentação (de um conceito) como sua articulação (com os demais conceitos).

São eles:

[1] Promovido pelo promovido pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação (POSCOM) e o curso de Jornalismo da UFSM.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Eixo 1 – Acadêmico. É onde se inserem as reflexões em torno da midiatização e sua relação com as narrativas de bicicleta, caso deste artigo. Teremos semioses cicloturísticas de natureza acadêmica quando, assim, quando artigos sobre o tema forem escritos, conceitos forem estruturados, o tema for discutido em esferas acadêmicas etc,

Eixo 2 – Estético. Contempla a produção estética em torno do cicloturismo. Ou seja, os livros, filmes, fotografias etc. produzidos a partir das referidas viagens de bicicleta para fins de fruição estética. A fronteira entre o estético e o acadêmico-reflexivo, sabemos, é tênue; a delimitação, aqui, e uma vez mais, deve ser compreendida como intexadora de camadas mais profundas de significação. Uma semiose cicloturística terá esta característica quando, por exemplo, um documentário for editado para narrar uma avetura vivida.

Eixo 3 – Orgânico. São as viagens de bicicleta e demais movimentos que os cicloturistas realizam. Ou seja, a coisa em si, essencial, primeira, não racionalizada e nem elaborada; soretudo, vivida. Podemos pensar as semioses cicloturísticas, no que tem de orgânicas, a base sobre as quais todas as demais semioses se assentam.

Eixo 4 – Sistêmico. Relaciona-se com os movimentos que, ao fim, ajudam-nos a identificar o cicloturismo como uma atividade a um tempo interligada e distinta de todas as demais. Por este viés, compreendemos o cicloturismo como uma modalidade de ciclismo que possui gramáticas processuais próprias, a ponte de ser identificável como tal, mas que, no entanto, está ligada às demais formas de ciclismo, estabelecendo, dessa forma, um perfil identitário.

Os quatro eixos coexistem e uma relação de complementaridade; pensar em um implica subsumir a existência do outro. Este artigo, por exemplo, encaixa-se no eixo 1, acadêmico, mas debruça-se sobre o 2 (estético), à medida que analisa livros e filmes; o 3 (orgânico), pois o objeto, em essência, são viagens de bicicleta e tudo isso integra um

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

o eixo 4 (sistema). A opção pela delimitação, como sugerido acima, mais que um paradoxo, ou um redução, representa uma estratégia metodológica por meio da qual conseguimos alcançar objetos complexos.

Neste sentido, e tendo o eixo 1 como indexador de camadas mais profundas de significação, parte-se do princípio que os sentidos gerados por estas gramáticas, já o dissemos, 1) não apenas podem ser identificáveis por meio de pistas discursivas deixadas na superfície dos relatos analisados, à revelia da linguagem ou do dispositivo que se utilizem, como 2) formam modelos narrativos que nos permitem identificá-los como tal por meio das referidas pistas. Criam, e eis a hipótese que nos move, padrões de integibilidade que chamamos de "narrativas cicloturísticas".

É por isso que é comum, em relatos dessa natureza, encontrarmos a perspectiva de transformação pessoal pelo movimento. Foi o que observamos, ainda que seminalmente, em artigo a ser publicado no próximo número da revista Intercom, intitulado "A midiatização, as narrativas de bicicleta e os fenômenos midiáticos". Ao analisarmos relatos de livros impressos que se referiam, no todo ou em parte, a transformações pessoais ocorridas em decorrência do uso da bicicleta como forma de turismo ou lazer, inferimos que isso se dava, entre outros fatores, devido a complexificações provocadas pela processualidade da midiatização nas gramáticas circunscritas.

A hipótese era de que a emergência e potencialização de narrativas dessa natureza eram decorrência da transformação de relatos sobre viagens de bicicleta em fenômenos midiáticos. Para Verón, "(...) tenemos um *fenómeno mediático* solo a partir

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

del momento em que los signos poseen, em a algún grado, las propriedades de autonomia tanto a respecto de la fuente como del destino, y de persistencia em el tempo[2]" (VERON, 2013 p. 145-146). Ou seja, o aludido caráter de transformação inerente a este modelo narrativo é um fenômeno que se verifica quando as viagens narradas se tornam, a um tempo, autônomas e persistentes do ponto de vista discursivo e geram, a partir desta condição (autonomia e persistência), sentidos diferenciados em decorrência da processualidade da midiatização.

Agregamos agora, a partir deste ponto, outra perspectiva, de matizes narrativos: se, de um lado, é a transformação dos relatos em fenômenos midiáticos que lhes empresta, estruturalmente, certa linearidade discursiva – escrita referencial, em primeira pessoa, caráter fático etc. – o que se tem, ao fim, é a emergência de modelos narrativos identificáveis como tal. Por quê? Porque se transformam, dessa forma, em estruturas narrativas, que, por sua vez, "(...) não representam simplesmente a realidade, de forma referencial: elas apresentam e organizam o mundo, ajudam o homem a constituir a realidades humana" (MOTTA, p. 30, 2012)

Por estruturas narrativas estamos nos referindo, no diálogo com Motta (2012, p.71), a "(...) eventos de interesse humano enunciados em um suceder tempotal encaminhado a um desfecho". Na gênese desse conceito reside tanto a perspectiva de sucessão como a de mudança e transformação. Com um diferencial:

[2] Em uma tradução livre do autor: "(...) temos um fenômeno da mídia apenas a partir do momento em que os signos possuem, em algum grau, as propriedades da autonomia, tanto no que diz respeito à origem e ao destino, quanto à persistência no ritmo".

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

> A narrativa põe naturalmente os acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e, consequentesmente, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis. (MOTTA, 2012, p. 71)

É dizer, por outras palavras, e sem a pretensão de resumir demais toda uma tradição teórica, que narrar significa tornar compreensível algo que é relatado, o que é feito, claro, tendo-se o que contar, o que é feito por meio do uso de recursos estruturais os mais diversos, como narradores, personagens, tempo, espaço, intriga etc. Em nosso caso, transformando relatos em fenômenos midiáticos, o que é possível por meio de dispositivos como livros, filmes, sites etc.

A abordagem sugere que estamos considerando a bicicleta, aqui, portanto, antes um fenômeno midiático, afeita, portanto ao plano expressivo simbólico, que objeto técnico, referente ao uso que se faz dela (turismo, trabalho etc). É dizer, por outras palavras, que nosso objeto são, antes, os relatos que se faz das viagens de bicicleta, à revelia do dispositivo onde são veiculados, e da linguagem que se utilizem – e os sentidos que emergem deles, que necessariamente a tecnologia "bicicleta" e a técnica necessária a seu uso, seja ele qual for.

Isso posto, e para dar conta de nosso propósito metodologicamente, ou seja, compreender como as semioses cicloturísticas estruturam narrativas cicloturísticas, tentaremos compreender como isso se dá a partir de exemplos empíricos. Faremos isso de forma indicial, por meio de exemplos de relatos dessa natureza, escolhidos a partir da relevância de seus autores/narradores. A história contada por um cicloturista será mais relevante se disser respeito, por exemplo, a uma viagem de bicicleta com mais de um mil quilômetros e por mais de dez dias; menos relevante, abaixo desse patamar.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Nosso recorte serão relatos em livros, filmes, postagens em redes sociais etc. em que as referidas narrativas são encontradas, o que nos sugere o uso de metodologia de natureza qualitativa. A abordagem permitirá observar, nas superfícies analisadas, o que Demo (2000) chama de "o lado subjetivo dos fenômenos". Ou seja, mais que registros de vivências, a essência do vivido; que, uma vez considerados discursivamente, transformam depoimentos em dados passíveis de interpretação. Usaremos discurso na perspectiva atribuída por Verón (2004, p. 61), para quem a noção "(...) não designa apenas a matéria linguística, mas qualquer conjunto significante considerado como tal (...)".

Referências

Autor. 2018.
Autor. 2019.
FAUSTO NETO, A. As bordas da circulação. *In*: MEDIATIZACIÓN, SOCIEDADE Y SENTIDO: DIÁLOGOS ENTRE BRASIL E ARGENTINA. COLOQUIO DEL PROYECTO "MEDIATIZACIÓN, SOCIEDADE Y SENTIDO: APROXIMACIONES COMPARATIVAS DE MODELOS BRASILEÑOS Y ARGENTINOS. 2010. Universidad Nacional de Rosario, Argentina. **Anais...**. Departamento de Ciencias de la Comunicación. 2010.
MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília (DF): Editora UnB, 2013.

MOTTA, L. G. Por que estudar narrativas? *In*: MOTA, C. L.; MOTTA, L. G.; CUNHA, M. Ja. **Narrativas midiáticas**. Florianópolis: Editora Insular, 2012.
PASSOS, Mateus Yuri. XXXXXXX, XXXXXXXXXXXXX. (orgs.) **Narrativas de Viagem/Travel Narratives.** Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2019.

VERÓN, E. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2004.

VERÓN, E. **La semiosis 2**: ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autônoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.